

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À CRIANÇA HOSPITALIZADA E À MÃE ACOMPANHANTE

Sandra Silva Duarte*

Marlene Aparecida Lopes Ferreira Del Ducca**

RESUMO

A hospitalização de uma criança é uma experiência difícil que gera ansiedade e medo, pela exposição ao ambiente diferente e estressante. O cuidar em Enfermagem pediátrica, vai além da criança doente, inclui também assistir a família, considerando-os importantes no tratamento e no restabelecimento da criança. O objetivo desse trabalho é mostrar a importância da atuação da enfermagem junto à criança hospitalizada e aos seus pais, e também a importância da mãe como acompanhante na internação em pediatria. A abordagem realizada foi a de revisão literária qualitativa, em conteúdos científicos relacionados ao tema proposto, entre os anos de 2003 a 2014. É preciso que a enfermagem se sensibilize e acredite na importância da presença da mãe como acompanhante, e de sua ajuda como componente terapêutico, transformando e humanizando o serviço de Enfermagem.

Palavras-chave: Enfermagem pediátrica. Criança hospitalizada. Família.

ABSTRACT

The child hospitalization is a difficult experience that generates anxiety and fear, because of the exposure in a different and stressful environment. The pediatric nursing care goes beyond the sickness of the infant, including also the family assistance, which is a key issue in the treatment and in the reestablishment of the child. The goal of this paper is to report the importance of the nursing performance jointly the hospitalized child and its parents, also the mother's value as companion during the pediatric hospitalization. The approach of this article is a qualitative bibliography review, using scientific papers regarding the theme, between 2003 and 2014. It is necessary the awareness and the belief of the nursing in the meaning of the mother's presence as companion, also its help as a therapeutic component, transforming and humanizing the nursing service.

Key words: Pediatric nursing. Hospitalized child. Family.

* Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Patos de Minas (FPM). sandra.silvaduarte@yahoo.com.br

**Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Docente da Faculdade Patos de Minas – Patos de Minas, MG. marlene.ducca@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A criança, ao ser admitida em uma unidade hospitalar é cuidada por uma equipe multidisciplinar, onde, dentre outros, receberá a assistência de membros da equipe médica e de enfermagem que pode ter características favoráveis a recuperação ou determinar traumas irreparáveis dependendo de como for configurada.

Nas instituições hospitalares existentes a abordagem acontece de formas diversas, ou seja, pode visar somente à patologia da criança, onde o trabalho da equipe de saúde preocupa-se apenas com o diagnóstico e a terapêutica; visar à criança e dispensar uma maior valorização da interação considerando sua dimensão humana; ou centrar na criança e na sua família, acontecendo de forma humanizada e permitindo aos pais a participação no tratamento e no restabelecimento da criança (ELSEN et al., 2011). As instituições que buscam atender a criança e seus familiares na sua integralidade, permitem que a assistência resulte na busca e conquista do estado de saúde.

Para Gomes et al. (2014), a internação hospitalar constitui um importante fator de estresse e de desestruturação familiar, sobretudo quando essa ocorre com crianças. É um momento delicado, complexo, que pode passar despercebido pela equipe de enfermagem, o que compromete a qualidade da assistência prestada.

O adoecer e a hospitalização obrigam a criança a se adaptar a uma nova situação que modifica sua rotina habitual, como estudar, brincar com os amigos e comer o que gosta, motivo de grande ansiedade (MURAKAMI et al., 2011).

Conforme afirmam os autores a criança doente e hospitalizada ao conviver com essa situação sente medo, angústia e se estressa, o que vai refletir na sua forma de reagir. O afastamento do convívio familiar a deixa vulnerável, desencadeando reações de negação, e também sentimentos de desesperança que refletem inclusive nos pais.

Há tempos o afastamento da mãe e filho conseqüente à hospitalização era visto como motivo de sofrimento, pelo fato de não ser permitida a presença dos pais como acompanhantes da criança internada, em um ambiente diferente, com pessoas desconhecidas, pois ainda não existia o sistema de internação com acompanhante em pediatria (GOMES et al., 2012).

Assim, quando em 1943, os benefícios do acompanhante em pediatria foram reconhecidos, pesquisadores mostraram a influência benéfica da presença dos pais para a recuperação da criança hospitalizada. Da mesma forma, a Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou em 1951, relatórios que apontavam a ausência materna durante a internação infantil, como algo prejudicial à saúde mental dos que necessitavam da hospitalização (MARQUES et al., 2014).

O Brasil somente obteve avanço em relação à humanização da assistência à criança, após a publicação da Lei nº 8.069, em 1990, que regulamentava o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e que em seu Artigo 12 preconiza que os estabelecimentos de saúde deverão proporcionar em tempo integral, condições para a permanência de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente (BRASIL, 2004).

Desta forma, para os autores, quando o cuidado de enfermagem e dos profissionais de saúde têm como foco o cuidar de crianças enfermas deve ser permitido à família um maior envolvimento, no sentido de que ela seja co-responsável pelo cuidado da criança, o que, nos diversos aspectos passou a ser garantido pelos artigos do ECA.

O acompanhante passou a ser visto pelo Ministério da Saúde como uma pessoa importante para a criança durante a permanência no ambiente hospitalar. Desde então, a assistência em pediatria significa envolver não só a criança no cuidado, mas também considerar criança e família como um só cliente (FAQUINELLO et al., 2007). Desta forma, os hospitais tiveram que se reestruturar para receber um outro elemento do cuidado, que na sua maioria é a mãe.

No entanto, o direito adquirido pela lei não supre toda a carência da criança e de familiares, é necessário garantir qualidade e atenção a esse acompanhante, pois diante dessa experiência difícil e pela exposição a um ambiente estressante, a única forma de segurança seria a presença dos pais. É necessário prestar uma assistência humanizada e assistir a família em suas dúvidas, apoiando suas iniciativas desde que favoreça na recuperação da saúde da criança (MILANESI et al., 2006). Estratégias devem ser adotadas pela equipe de enfermagem que assiste a criança, na tentativa de superar os desafios e dificuldades que este tipo de atendimento impõe.

É necessário estabelecer uma relação de confiança entre a equipe de saúde, a criança e seus familiares, mas para que essa relação aconteça é preciso um novo

olhar acerca do outro, permitindo uma maior proximidade e afinidade. Desta forma, é estabelecida a comunicação, um processo utilizado como instrumento de ajuda, a comunicação terapêutica (PONTES et al., 2008).

A partir da inclusão da família no cuidado hospitalar de crianças através da internação com acompanhante foi possível observar que a abordagem assistencial e suas implicações para o trabalho da enfermagem foram sofrendo modificações. Os profissionais de saúde, principalmente os da enfermagem, passaram a vivenciar um momento de transição e de mudança de paradigmas, na busca por sua identidade profissional, uma vez que delegar à família a responsabilidade por algumas ações e vivenciar esta interação constituía algo novo para o exercício profissional (SOUSA et al., 2009).

A justificativa para a escolha e interesse pelo tema surgiu a partir da prática assistencial em pediatria, e pelo fato de observar mães, muitas vezes sem assistência dos profissionais de saúde, angustiadas por falta de esclarecimentos a respeito da patologia de seus filhos. Também se justifica por perceber no exercício profissional da enfermagem a necessidade de obter maiores conhecimentos técnicos, científicos para assistir as crianças hospitalizadas e também seus pais, de forma individualizada e humanizada.

O acolhimento de forma humanizada, a orientação sobre a dinâmica hospitalar e a internação da criança é oportunidade para mostrar aos pais que eles são importantes como colaboradores na assistência, garantindo, assim, um fator de boa convivência e entendimento entre família e profissionais (MARQUES et al., 2014).

Nesta perspectiva, esta pesquisa teve como objetivo identificar o significado e a importância da assistência de enfermagem à criança e à família da criança hospitalizada e também, entender os benefícios da mãe como acompanhante e participante do processo terapêutico, uma forma de humanizar o atendimento de enfermagem à criança hospitalizada.

Diante do contexto estudado foi possível perceber que é fundamental a atenção da enfermagem dispensada a mãe acompanhante, de forma que se sinta como um ser importante na melhoria da qualidade da assistência ao seu filho hospitalizado, mas para tal é preciso empenho e sabedoria dos profissionais na orientação dos familiares. Há necessidade de uma maior sensibilização da equipe

interdisciplinar e da própria instituição no sentido de favorecer a existência da internação com acompanhante em pediatria..

2 O IMPACTO DA HOSPITALIZAÇÃO SOBRE A CRIANÇA

A hospitalização é uma situação ímpar na vida do ser humano e para a criança é vista como traumática por afastá-la de seu convívio familiar e de suas rotinas diárias, passando a conviver num meio desconhecido, estressante, causando medo e dor. O ambiente hospitalar provoca aumento da tensão emocional na criança, o que pode trazer consequências para seu desenvolvimento psicossocial (GOMES et al., 2012). Desta forma, segundo os autores, o ambiente hospitalar no primeiro e em outros momentos da internação se constitui num ambiente estranho, onde a ação dos profissionais, como a do médico e da enfermagem são desconhecidas, assim como seus aparelhos e procedimentos, e isso os amedronta.

Na internação, além do medo do abandono, a doença e a hospitalização constituem uma crise na vida da criança, podendo levar à manifestações de desajustamento, como inapetência, perda de peso, agressividade, dependência excessiva e falta de receptividade ao tratamento, desafios enfrentados durante esse processo (ALTAMIRA, 2010). O ambiente hospitalar na visão das crianças é um local de proibições, em que os sentimentos gerados são demonstrados através de lágrimas, saudade, o que justifica a necessidade da presença da mãe, já que ela é o ponto de referência dos filhos no cuidado e na atenção.

Destaca-se ainda que a hospitalização para a criança pode desencadear problemas psicológicos, o que faz com que ela utilize de mecanismos de defesa para superar essa situação, uma vez que está frente a situações que fogem ao seu controle e à sua compreensão. A resposta das crianças à doença depende do seu desenvolvimento cognitivo, de experiências passadas e do seu nível de conhecimento (VASQUES et al., 2011).

Neste sentido, Calvestt et al. (2008), afirmam que na assistência à criança hospitalizada é fundamental o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, e o profissional de saúde deve estar consciente quanto à necessidade da integralidade do atendimento, no sentido de minimizar experiências dolorosas para paciente e família.

A criança hospitalizada sofre pelo medo do desconhecido, como o quarto, os alimentos, o tipo de leito, os exames por que passa, os profissionais que o atendem, gerando temores e fantasias desagradáveis (CHIATTONE, 2009).

3 REAÇÕES DOS PAIS FRENTE À HOSPITALIZAÇÃO

O cuidado à criança, que antes era desenvolvido apenas pela equipe de enfermagem, com a internação com acompanhante em pediatria, passou a ser auxiliado pela mãe ou pelo familiar presente, porém, obedecendo os limites do que pode ou não fazer como cuidado, dentro do espaço hospitalar (SOUZA; OLIVEIRA, 2010). A enfermagem deve encorajar a participação dos pais nos cuidados de seus filhos durante a hospitalização.

As reações dos pais frente a hospitalização são diversificadas, com predominância da angústia, do medo, da ansiedade e do sentimento de culpa e impotência. As mães geralmente são as mais presentes, mas podem estar sob grande estresse emocional e também inseguras (SCHNEIDER; MEDEIROS, 2011).

Segundo os autores, é essencial ressaltar aos pais que a presença deles é benéfica, e é fonte de segurança para a criança que está necessitando de amor e cuidados neste momento difícil. Embora os pais possam se sentir desamparados durante a hospitalização de seu filho, algumas mães preferem estar ao lado da criança para terem mais segurança.

Toledo et al. (2012) concordam com o pensamento anterior ao constatar a importância do relacionamento carinhoso e contínuo da criança hospitalizada com sua mãe, proporcionando a ambos uma sensação de satisfação e prazer, ainda que num ambiente hostil e adverso como o do hospital.

No entanto, os autores ressaltam que nem sempre tais sentimentos são desenvolvidos pela mãe durante este cuidado, visto que embora estando ao lado do filho, ela muitas vezes não sente satisfação por encontrar-se abalada emocionalmente, em decorrência dos sentimentos negativos que a acometem ao longo da internação do filho. Este fato torna necessário o estabelecimento de estratégias para incentivar a mãe na participação do cuidado ao filho que se encontra internado, o que não se percebe empenho por parte da enfermagem em muitos hospitais.

A esse respeito, Collet; Rocha (2003), atribuem o fato à falta de preparo da equipe de profissionais, por ainda apresentarem-se resistentes em aceitar a presença da família no cuidado a criança ao longo da hospitalização. Os autores destacam ainda que quando ocorre a inserção da mãe neste cuidado, ela se faz de forma inadequada, uma vez que profissionais delegam à mãe a realização de atividades sem a devida orientação e supervisão, com a intenção de somente delegar ou repassar alguma tarefa para a mãe.

Murakami; Campos (2011), em um estudo que se propunha caracterizar a importância da participação dos pais na hospitalização de crianças verificaram que para elas os pais significavam a força e a segurança necessária para encarar todo o processo doloroso e desconhecido que estavam passando. No âmbito da hospitalização com acompanhante é importante considerar os benefícios oriundos do suporte emocional oferecido à criança a partir da sua presença ao longo da internação.

4 ENFERMAGEM E A INTERNAÇÃO COM ACOMPANHANTE EM PEDIATRIA

A comunicação é o meio através do qual, pessoas interagem umas com as outras, permitindo troca de informação e compreensão, fato que pode ser positivo no processo de hospitalização de uma criança e sua família. A comunicação enfermeiro-paciente, denominada comunicação terapêutica, tem a finalidade de identificar e atender as necessidades de saúde da criança internada, de sua família e também para despertar sentimentos de confiança, permitindo que eles se sintam satisfeitos e seguros.

O enfermeiro pediátrico deve buscar a compreensão do "relacionamento pais-filhos", apoiando, protegendo e fortalecendo tal relacionamento durante a hospitalização, já que esse concorrerá para a efetivação do clima emocional desejável à criança doente. O envolvimento dos pais no cuidado, vai criar o contexto para a assistência de enfermagem (HOCKENBERRY; WILSON, 2011).

O papel da equipe de enfermagem que exerce suas atividades em que a mãe é presente por ocasião da hospitalização, deve voltar-se não apenas para a recuperação da saúde da criança, mas também para a família em suas dúvidas, dar

apoio às suas iniciativas e oferecer constante estímulo no desenvolvimento dos seus cuidados (SOUZA; OLIVEIRA, 2010). A assistência de enfermagem à criança deve levar em consideração as suas necessidades em cada faixa etária e a suas experiências anteriores com relação à hospitalização.

Para que seja possível uma assistência que atenda às necessidades da criança, o exercício da enfermagem deverá ser realizado a partir da troca de experiências com os pais da criança, minimizando os efeitos negativos da hospitalização. Dessa forma, Gomes e Erdmann (2005, p. 21), afirmam que “durante a internação hospitalar da criança o seu cuidado deve ser compartilhado entre os profissionais de saúde e sua família”.

Uma das principais ações da assistência de enfermagem junto à família nas unidades pediátricas diz respeito à instrução e orientação. Neste momento os pais receberão todas as informações necessárias a respeito da rotina do hospital, bem como as normas e proibições da instituição (SOUZA; OLIVEIRA, 2010). É essencial essa conscientização da família, especialmente da mãe, da necessidade de seguir as normas e rotinas, dos seus direitos e deveres, pois dessa forma se estabelecerá uma relação de respeito e cordialidade, favorecendo a assistência da criança.

A enfermagem pediátrica precisa fazer do seu exercício profissional um trabalho menos automático, menos mecânico, priorizando e estimulando o sistema de internação da criança com acompanhante, fazendo do ambiente hospitalar um local favorável à recuperação da criança, minimizando o estresse familiar e também do profissional. Isso é transformar o atendimento, é valorizar os sentimentos da criança enferma, é humanizar e individualizar o serviço de Enfermagem.

5 CONCLUSÃO

“O impacto da doença e da hospitalização na criança e família, bem como, as estratégias para a gestão da doença constituem áreas emergentes no âmbito da enfermagem pediátrica” (MELO et al., 2011, p.16).

A doença e a hospitalização podem trazer inúmeras fontes de sofrimento para todos que vivenciam o processo de internação da criança: a vivência da separação, a dor; o desconforto físico causado pela doença; a própria hospitalização; o medo da morte, da doença e de sua piora.

O grupo familiar exerce grande influência na estruturação do psiquismo da criança. Assim, o rompimento inesperado deste vínculo a partir da hospitalização pode trazer à criança importante desequilíbrio emocional

Incluir a família no tratamento da criança hospitalizada é algo muito além de permitir que a mãe faça algum cuidado com a criança, não é simplesmente explicar procedimentos e permitir que ajude a cuidar do seu filho de alguma forma. É preciso amparar a família nas suas angústias, nos seus medos, e que a enfermagem se sensibilize e acredite na importância da presença da mãe e de sua ajuda como componente terapêutico.

A hospitalização de uma criança constitui um momento de crise para ela e sua família. E como cada família vai vivenciar e lidar com este momento, vai depender de habilidades próprias e dos recursos e apoio recebidos no contexto hospitalar, em especial da equipe de enfermagem.

REFERÊNCIAS

ALTAMIRA, L. L. **A criança hospitalizada**: um estudo sobre a atuação do Psicólogo Hospitalar. 2010. 25 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Arcos 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-crianca-hospitalizada-umestudo-sobre-a-atuacao-do-psicologo-hospitalar/56348/>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente. Rio de Janeiro(RJ): ALERJ; 2004.

CALVESTTI, P. U. et al. Psicologia da saúde e criança hospitalizada. **PSIC – Revista de Psicologia**, v. 9, n. 2, jun./dez., Ed. Vetor. 2008.

CHIATTONE, H. B. C. et al. **O doente, a Psicologia, o Hospital**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

COLLET, N.; ROCHA, S. M. M. Participação e autonomia da mãe no cuidado ao filho hospitalizado. **Rev. Bras. de Enferm**, Brasília, v. 56, n. 3, p.260-264, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v56n3/a09v56n3.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

ELSEN, I. et al. **Assistência à criança hospitalizada**: tipos de abordagem e suas implicações para a enfermagem. In: SCHMITZ, E. M. , organizadora. A enfermagem em pediatria e puericultura. São Paulo: Atheneu; 2011.

FAQUINELLO, P.; HIGARASHI, I. H.; MARCON, S. S. O atendimento humanizado em unidade pediátrica: percepção do acompanhante da criança hospitalizada. **Texto**

Contexto Enferm, Florianópolis, v. 16, n. 4, p.16-609, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n4/a04v16n4>>. Acesso em: 04 maio 2016.

GOMES, G. C.; ERDMANN, A. L. O cuidado compartilhado entre a família e a enfermagem à criança no hospital: uma perspectiva para a sua humanização. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 26, n.1, p. 20-30, abr. 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4537>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

GOMES, L. V. G. et al. A hospitalização no olhar de crianças e adolescentes: sentimentos e experiências vivenciadas. **Cogitare Enferm.** v.17, n.4, p.703-9, 2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/view/30378>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

GOMES, G. C.; XAVIER, D. M.; SALVADOR, M. S. A família durante a internação hospitalar da criança: contribuições para a enfermagem. **Rev. de Enferm. da EEAN**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 234-240. abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n2/1414-8145-ean-18-02-0234.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D. W. Fundamentos de Enfermagem Pediátrica. Trad. Maria Inês Cortês Nascimento. p. 340-344, Rio de Janeiro: Elsevier; 2011.

MARQUES, C. D. C. et al. O cuidador familiar da criança hospitalizada na visão da equipe de enfermagem. **Rev. Cien. Cuid.**, Brasília, v. 13, n. 3, p. 541 – 548, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/22133/pdf_227>. Acesso em 20 maio 2016.

MELO, E. et al. Cuidados centrados na criança e família, o papel do enfermeiro de referência. **Linhas de Saúde.** v. 1, n. 1, p. 24-26. 2009.

MILANESI, K.; COLLET, N., OLIVEIRA, B. R. G.; VIEIRA, C. S. Sofrimento psíquico da família de crianças hospitalizadas. **Rev Bras Enferm** 2006; n. 59, v. 6, p. 769-774. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2670/267019617009.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

MURAKAMI, R.; CAMPOS, C. J. G. Importância da relação interpessoal do enfermeiro com a família de crianças hospitalizadas. **Revista Bras. de Enferm.** Brasília, v. 64, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672011000200006>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

PONTES, A. C. et al. Comunicação terapêutica em Enfermagem: instrumento essencial do cuidado. **Revista Brasileira de Enferm.** Brasília, mai./jun. 2008. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n3/a06v61n3.pdf>>. Acesso em 8 out. 2015.

SCHNEIDER, C. M.; MEDEIROS, L. G. **Criança hospitalizada e o impacto emocional gerado nos pais:** Unoesc & Ciência – ACHS. 2011. 2 v. Tese

(Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade do Oeste de Santa Catarina Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/741>>. Acesso em: 08 out. 2015.

SOUSA, L. D.; GOMES, G. C.; SANTOS, C. P. Percepções da equipe de enfermagem acerca da importância da presença do familiar/acompanhante no hospital. **Rev. enferm. UERJ**. 2009 Jul-Set; v.17, n. 3, p. 394-9. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v17n3/v17n3a17.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SOUZA, T. V. de; OLIVEIRA, I. C. dos S. Interação familiar/acompanhante e equipe de enfermagem no cuidado à criança hospitalizada: perspectivas para a enfermagem pediátrica. **Revista EEAN**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p.551-559, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n3/v14n3a17.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

TOLEDO, A. C. G.; GRAÇA, K. N.; CORTIZO, M. L. C.; A importância da atenção às mães que acompanham os filhos na hospitalização. In: Anais IV SIMPAC, v. 4, n. 1, p. 7-12. Viçosa. 2012. Disponível em: <<https://academico.univicoso.com.br/revista/index.php/RevistaSimpac/article/viewFile/182/344>>. Acesso em: 22 fev. 2016

VASQUES, R. C. Y. et al. A experiência de sofrimento: histórias narradas pela criança hospitalizada. **Rev Esc Enferm Usp**, São Paulo, v. 45, n. 1, p.9-122, 2011. Disponível em: <www.ee.usp.br/reeusp>. Acesso em: 24 maio 2016.